

## JORNAL HOJE E OS MEDIADORES DA TRAGÉDIA DE SUZANO-SP: UMA ANÁLISE SOB A PERSPECTIVA DOS MODOS DE ENDEREÇAMENTO

PALERMO, Arildo Vieira<sup>1</sup>

NEGRINI, Michele<sup>2</sup>

**RESUMO:** Refletir sobre a análise de programas televisivos, principalmente se tratando dos noticiosos, requer a observação da complexidade que perpassa os processos que envolvem a produção audiovisual. A partir disso, achamos que os modos de endereçamento se mostram como uma perspectiva teórico-metodológica interessante para análise de telejornais. O presente artigo tem como foco principal analisar as primeiras notícias veiculadas a respeito da tragédia de Suzano-SP, no programa Jornal Hoje da Rede Globo, sob a ótica de um dos quatro operadores de análise propostos por Gomes (2007) dentro da teoria dos modos de endereçamento: os mediadores.

**Palavras-chave:** Modos de endereçamento; Jornal Hoje; telejornalismo; mediadores.

### 1. INTRODUÇÃO

Na manhã do dia treze de março de dois mil e dezenove, por volta das nove horas da manhã, a Escola Estadual Raul Brasil, localizada no município de Suzano, no estado de São Paulo, foi invadida por dois ex-alunos que, portando uma arma de fogo calibre .38, arco e flecha, machados e bombas caseiras, dispararam aleatoriamente contra os estudantes. Nove pessoas morreram na escola, sendo cinco adolescentes que estudavam na instituição, duas funcionárias da escola e os próprios atiradores que, após cometerem os crimes, um atirou contra o outro e, logo em seguida, tirou a própria vida.

---

<sup>1</sup> Graduando em Jornalismo – Universidade Federal de Pelotas. E-mail: avpalermo97@gmail.com

<sup>2</sup> Orientadora do Trabalho. Doutora em Comunicação pela PUCRS. Tem Pós-doutorado pela UFBA, no programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas. Professora da Universidade Federal de Pelotas. Integrante do núcleo de pesquisadores do Grupo Interinstitucional de Pesquisa em Telejornalismo (GIPTele). Email: mmnegrini@yahoo.com.br

Devido ao impacto causado pelo fato, não apenas na cidade do ocorrido, a tragédia pautou a agenda da grande maioria dos grupos de comunicação do Brasil e, conseqüentemente, o jornalismo diário de forma geral. A tragédia contou com ampla cobertura midiática de diversas áreas do jornalismo. Os veículos de comunicação, desde os tradicionais até os menores, formavam filas em frente ao local do acontecimento em busca de novas informações. Jornalistas que produzem conteúdo para a *web*, jornal impresso, rádio e TV dividiam o mesmo espaço aguardando informações a respeito das vítimas, número de feridos, perfil dos atiradores ou qualquer outra informação de interesse público.

Apesar das notícias se espalharem rapidamente na internet, grande parte da população teve conhecimento da tragédia quando os veículos de comunicação em massa interromperam suas programações, reprogramaram suas agendas e deram enfoque total ao acontecimento. Inicialmente, os repórteres precisavam lidar com informações desencontradas, tumulto e muitos boatos. Paralelamente, fotos, vídeos e informações circulavam nas redes sociais, o que despertava ainda mais curiosidade e interesse da população para saber o que, de fato, estava acontecendo.

Se tratando da Rede Globo, o veículo de comunicação com maior audiência no Brasil<sup>3</sup>, as primeiras informações foram veiculadas durante o programa diurno Mais Você. Nos últimos 3 minutos de programa, o apresentador do telejornal Jornal Hoje, Dony De Nuccio, anunciou que as equipes de reportagem estavam se dirigindo ao local do acontecimento e fez breves comentários sobre o fato, dizendo que retornaria a qualquer momento com outras informações.

Tendo em vista a ampla repercussão da tragédia nos mais diversos veículos de comunicação do Brasil, este trabalho tem como foco analisar a cobertura realizada pelo Jornal Hoje, um dos principais telejornais da Rede Globo, apresentado pelos jornalistas Dony De Nuccio e Sandra Annenberg, sob a ótica dos Modos de Endereçamento, com foco em um dos operadores de análise elencados por Gomes (2007): os mediadores.

---

<sup>3</sup> Em pesquisa realizada pelo site [observatoriodatelevisao.bol.uol.com.br](http://observatoriodatelevisao.bol.uol.com.br) no fim de 2018, a Rede Globo registrou índices abaixo do esperado para a emissora, mas mantém larga liderança em audiência no Brasil.

## 2. MODOS DE ENDEREÇAMENTO

O conceito de modo de endereçamento surge na análise fílmica, mas desde os anos 80 está sendo aplicado para analisar como os programas televisivos se relacionam com os seus telespectadores (GOMES, 2007).

Ellsworth explica modo de endereçamento: “O modo de endereçamento é um termo dos estudos de cinema, um termo que tem um enorme peso teórico e político. [...] É a isso que ele se resume: quem este filme pensa que você é?” (ELLSWORTH, 2001, p. 11). Faz parte do pensamento da autora a perspectiva da relação entre a construção de um texto e o sentido atribuído pelo receptor, ou da construção de conteúdo audiovisual e a experiência de um espectador. Ainda, segundo Ellsworth (2001, p.12), se conseguirmos compreender as relações entre a construção das obras e a recepção, é possível influenciar e direcionar as respostas dos espectadores. Ou seja, seria possível determinar os padrões dos possíveis consumidores dos filmes e, assim sendo, ter conhecimento de quem, possivelmente, os assiste.

De maneira mais clara isso significa dizer, por exemplo, que se um filme, ao ser produzido, foi pensado para um rapaz de dezoito anos branco da classe alta, ele também deve possuir em sua estrutura mecanismos que possibilitem aqueles que estão de fora desta relação ideal ocuparem ainda que imaginariamente e apenas durante o tempo de sua projeção tal lugar para, a partir disso, ser capaz de extrair a compreensão correta do filme e seu prazer correspondente. Portanto, nessa noção de modos de endereçamento o sucesso estaria relacionado à capacidade de interpelação de um filme – expressa por artifícios usados em sua construção narrativa – em trazer (ou não) seus espectadores para a posição de sujeito que o filme considera preferencial (ROCHA, 2010, p. 10, apud PAIVA, 2018, p.4).

Em suas reflexões sobre modos de endereçamento, Ellsworth pontua que estudiosos sobre o assunto têm desenvolvido conceitos para nomear e analisar as experiências de convocação e de interpelação do espectador. A autora (2001, p.15) aponta o conceito de posição de sujeito como importante: “Da mesma forma, existe uma ‘posição’ no interior das relações e dos interesses de poder, no interior das construções de gênero e de raça, no interior do saber, para a qual a história e o prazer visual do filme estão dirigidos”.

Ao fazer ponderações sobre modos de endereçamento, Gomes (2007) situa que eles dizem respeito às formas de relacionamento de um programa com a sua audiência a partir do seu estilo, que é uma forma de identificação e de diferenciação em relação aos demais programas. Assim, o estilo está relacionado às especificidades do programa, às formas de tratamento das informações transmitidas e aos delineamentos dos textos veiculados.

Gomes (2007) faz ponderações sobre os modos de endereçamento no contexto dos estudos do jornalismo. Nesta seara, ela aponta que o produtor de uma mensagem jornalística não deverá ter uma orientação somente para determinado fato, mas também deve ter um olhar pensando no receptor.

Esta “orientação para o receptor” é o modo de endereçamento e é ele, em boa medida, que provê grande parte do *apelo* de um programa para os telespectadores (cf. Hartley, 2001, p. 88). O modo de endereçamento, em Hartley, se refere ao *tom* de um telejornal, àquilo que o distingue dos demais e nessa perspectiva, portanto, o conceito nos leva não apenas à imagem da audiência, mas ao *estilo*, às especificidades de um determinado programa (GOMES, 2007, p.22).

O conceito de modos de endereçamento é tomado por Gomes (2007) como a forma em que um programa se relaciona com o público, baseado na construção de um estilo de transmissão de informações. Assim, os modos de endereçamento estão ligados à construção do estilo de um telejornal, visando uma constituição de sujeitos receptores esperados. Para facilitar e delimitar os processos analíticos do modo de endereçamento aplicado ao telejornalismo, Gomes (2004, p. 91) propõe quatro operadores de análise: mediador, contexto comunicativo, pacto sobre o papel do jornalismo e a organização temática.

## **2.1 Mediadores**

Os mediadores são os agentes responsáveis pela construção da informação. Não são apenas os repórteres e apresentadores, mas todos que, em conjunto, fazem parte do processo noticioso: repórteres, cinegrafistas, editores, apresentadores e produtores. Todos, de alguma forma, cooperam para que o produto entregue ao espectador seja construído de determinada maneira e com um viés característico dos telejornais que representam. Neste processo, para Gomes (2004, p.92), a figura dos apresentadores é

fundamental. São eles que conduzem o ritmo dos telejornais, chamam e questionam os repórteres e, muitas vezes, passam atualizações e novas informações.

Os apresentadores são fundamentais dentro do modo de endereçamento, pois são figuras centrais no telejornal e, dependendo de como trabalham, conseguem direcionar o programa para o espectador esperado. “Assim, para compreender o modo de endereçamento, é fundamental analisar quem são os apresentadores, como se posicionam diante das câmeras e, portanto, como se posicionam para o telespectador” (GOMES, 2004, p.92)

## **2.2 O Contexto Comunicativo**

O contexto comunicativo é um operador que tem relações com circunstâncias de emissão do texto, circunstâncias de recepção e está ligado ao processo de comunicação. Gomes (2007, p.25-26), ao falar sobre o operador aponta:

Um telejornal sempre apresenta definições dos seus participantes, dos objetivos e dos modos de comunicar, explicitamente (‘você, amigo da Rede Globo’, ‘para o amigo que está chegando em casa agora’, ‘esta é a principal notícia do dia’, ‘Agilidade, dinamismo e credibilidade é o que queremos trazer para você’, ‘você é meu parceiro, nós vamos juntos onde a notícia está) – ou implicitamente – através das escolhas técnicas, do cenário, da postura do apresentador

Negrini (2008) assinala que, tratando-se de notícias e de reportagens sobre a morte levadas ao ar em telejornais, o contexto comunicativo se mostra como um interessante fator de observação, pois ele aponta para perspectivas de aproximação entre o telejornal e o público.

## **2.3 O Pacto Sobre o Papel Do Jornalismo**

Gomes (2007, p.26) explica o pacto sobre o papel do jornalismo como: “A relação entre programa e telespectador é regulada, com uma série de acordos tácitos, por um pacto sobre o papel do jornalismo na sociedade. É esse pacto que dirá ao telespectador o que deve esperar ver no programa”. Este pacto é um fator importante na

delimitação dos tipos de informação que podem ser encontradas em um programa e dos delineamentos dados a elas.

Falando do pacto sobre o papel do jornalismo, Gomes (2007) diz que para que seja entendido, é importante o entendimento da forma como um telejornal estabelece relações com pontos fundamentais ao jornalismo, como objetividade, imparcialidade, factualidade, interesse público, responsabilidade social, liberdade de expressão e de opinião, atualidade, quarto poder, ideia de verdade, pertinência e relevância da notícia e com quais valores-notícia opera.

Gomes ainda assinala que os formatos de apresentação da notícia também são pontos indicativos importantes acerca do tipo de jornalismo praticado em um telejornal.

## **2.4 A Organização Temática**

A organização temática está relacionada à forma como um programa busca atingir os interesses do público com o investimento em determinados temas. Tratando da organização temática de um telejornal, Silva (2010) destaca que a organização dos temas levados ao ar por um telejornal é realizada de modo que se dê um encadeamento dos assuntos abordados, “[...] seja pela proximidade das editorias, isto é, notícias da mesma editoria são colocadas no mesmo bloco, seja pela diversidade de assuntos num fragmento do programa, colocando uma variedade editorial no mesmo bloco” (SILVA, 2010, p.76).

## **3. PERSPECTIVAS ANALÍTICAS**

Dentro da grade de telejornais exibidos pela Rede Globo, o Jornal Hoje costuma tratar de temas mais leves e descontraídos. Desde sua estreia, em 1971, o telejornal aborda assuntos como cultura, espetáculos e entrevistas gerais. De acordo com a linha do tempo disponível no site do Jornal Hoje<sup>4</sup>, atualmente, os mediadores se utilizam de

---

<sup>4</sup> <http://g1.globo.com/jornal-hoje/noticia/2010/04/historia-do-jornal-hoje.html>

uma linguagem coloquial sem perder a seriedade, buscando uma nova forma de fazer revista na TV.

Normalmente, as edições do Jornal Hoje possuem de 30 a 60 minutos de duração. No dia do massacre em Suzano, a edição teve 3 horas de duração, sem contar as intervenções do apresentador Dony de Nuccio, ao vivo, durante os programas Mais Você e Bem Estar, que precedem o telejornal. É interessante notarmos a organização temática da grade de exibição da Rede Globo. Os telejornais locais, como o Jornal do almoço, tiveram seu tempo reduzido e a Sessão da Tarde, programa de exibição de filmes vespertino, foi cancelada. A programação nacional estava pautada pelo acontecimento em Suzano-SP.

*“Quarta-feira, 13 de março de 2019. O Jornal Hoje está começando agora com uma edição, é claro, especial. Nós estamos no ar desde o momento em que saiu a notícia da tragédia na escola em Suzano, na região metropolitana de São Paulo”.* Assim foi o começo da edição em questão do Jornal Hoje. Os apresentadores Dony de Nuccio e Sandra Annenberg não fizeram a tradicional escalada, ou seja, não deram as manchetes dos assuntos que seriam tratados na edição, dando a entender que esta seria inteiramente dedicada ao ocorrido na escola de Suzano-SP. Além disso, a edição não começou com a tradicional trilha de abertura. O telejornal teve início com uma imagem aérea do local da tragédia, sem trilha e com ambos apresentadores em silêncio. Era perceptível que seria uma edição diferente. Era evidente que a pauta seria apenas uma e que os apresentadores estavam, aparentemente, consternados com a situação.



FIGURA 1 – Apresentadores do Jornal Hoje no dia da tragédia de Suzano.

Trazendo as percepções de Gomes (2004 p. 92) de que os apresentadores são fundamentais ao telejornal, ambos os apresentadores começaram o telejornal com gestos e expressões que remetiam à tristeza e recapitularam as informações que tinham até o momento. A jornalista Sandra Annenberg, em um de seus primeiros comentários, faz questão de ressaltar que estava assistindo à cobertura desde cedo com as intervenções de Dony durante outros programas, deixando claro que a Rede Globo estava preocupada com o assunto e mobilizando equipes para irem até o local do ocorrido, reforçando a imagem de “telejornal de referência” do Jornal Hoje, ou seja, comprometido com as informações que são importantes para a população. Esta afirmação pode ser melhor compreendida na postura de Dony ao comentar a complexidade da cobertura e os eventuais erros que poderiam acontecer por parte da equipe:

*“E claro, Sandra, em uma cobertura tensa, dramática, ao vivo como essa, de uma tragédia, de um massacre inesperado que aconteceu em Suzano na grande São Paulo, as informações vão sendo confirmadas. Nós temos, eventualmente, divergência de números em um momento ou outros porque estamos checando e recebendo informações da Polícia Militar e dos Bombeiros”.*

O Jornal Hoje é um telejornal exibido para todo o Brasil em um horário onde a maior parte da população está terminando de almoçar ou se arrumando para ir ao trabalho. A mobilização da Rede Globo para noticiar os fatos em primeira mão garantiu a transmissão de informações a sua audiência, especialmente tratando-se de temas como assassinato, morte e o envolvimento de crianças e adolescentes. A audiência é o pilar do jornalismo comercial, especialmente de empresas do porte da Rede Globo.

### **3.1 Mediadores ao vivo**

Ainda nos primeiros 5 minutos de telejornal no ar, os apresentadores chamam a primeira repórter que estava em frente à escola. Carolina Paes era um mediador fundamental no contexto de construção da notícia. Em dois minutos, ela passou informações a respeito do número de vítimas e fez questão de mostrar o tumulto que se formava em sua volta, mostrando que a notícia estava ali, acontecendo em tempo real, além de reforçar um caráter de proximidade da cobertura, com a presença do jornalista no meio da população. A repórter enfatiza: *“É difícil fazer essa cobertura, em todos os*

*sentidos. A gente sabe que está trabalhando diretamente com adolescentes, com vidas, independentemente.”*



*FIGURA 2 – Repórter Carolina Paes durante a cobertura da tragédia.*

As intervenções da repórter Carolina Paes, no decorrer do telejornal, foram marcadas por gesticulações intensas e palavras firmes. Apesar de manter uma postura séria, é notável que a jornalista tem um estilo mais descontraído. Também é possível notar uma certa euforia e nervosismo nas primeiras entradas ao vivo, tanto pelo contexto do fato, como pela responsabilidade de estar em rede nacional noticiando um fato que entrou para a história.

O segundo repórter que entrou ao vivo foi Saulo Tiozzi, quando o Jornal Hoje estava há 11 minutos no ar. Ele estava na frente do hospital ao qual as vítimas em estado grave estavam sendo levadas, em Mogi das Cruzes, cidade vizinha de Suzano/SP. Ele informou sobre o estado de saúde de algumas vítimas, compondo de maneira mais ampla a cobertura do fato.



*FIGURA 3 – Repórter Saulo Tiozzi na cobertura da tragédia.*

O terceiro repórter que fez uma intervenção ao vivo foi Giba Bergamin. Ele ficou no ar por 5 minutos. Ele recuperou algumas informações, atualizou a situação e, principalmente, falou sobre o clima na frente da escola. Ele foi o repórter que mais “espetacularizou” o fato. Falou diversas vezes em desespero, tiros na cabeça e mortes de adolescentes. Por ter sido uma intervenção longa, as informações ficaram extremamente repetitivas. Ele trouxe, ainda, a palavra de uma mãe de aluna e de uma merendeira da escola que afirmou ter entrevistado.



*FIGURA 4 – Repórter Giba Bergamin na cobertura da tragédia.*

Finalizando as intervenções ao vivo dos primeiros 30 minutos de telejornal, o repórter Tiago Scheuer fez sua participação. Ele ficou no ar por 6 minutos e meio. A participação foi muito dinâmica, ele entrevistou um familiar de um aluno que ainda não havia aparecido, muito emocionado. Falou, também, com um morador do entorno da escola, que relatou o que viu durante a manhã.



*FIGURA 5 – Repórter Tiago Scheuer na cobertura da tragédia.*

Os 4 repórteres que entraram ao vivo na primeira meia hora de transmissão foram fundamentais na construção das informações, que naturalmente mexeram com o lado emocional dos telespectadores. Carolina Paes trouxe as primeiras atualizações do local da tragédia, Saulo Tiozzi trouxe o estado de saúde de vítimas, direto do hospital. Giba Bergamin conseguiu passar um pouco do clima de tensão e tristeza em frente a escola. E, por fim, Tiago Scheuer entrevistou pessoas diretamente afetadas com a tragédia, fazendo com que o telespectador se identificasse com os personagens e vivesse, mesmo que por alguns instantes, o drama dessas pessoas.

### **3.2 A divulgação dos assassinos e o terceiro apresentador**

Continuando a edição, os apresentadores mostraram fotos internas da escola, áudios da comunicação entre os policiais que atenderam ao caso, diversas entrevistas com autoridades e familiares de alunos. O tempo todo era enfatizado o drama vivido por estes familiares que ainda buscavam informações no tumulto. Um dos pontos importantes ainda na primeira hora de transmissão do telejornal é a intervenção do jornalista investigativo César Tralli, ele divide o estúdio com os dois apresentadores a partir do momento em que a identidade dos assassinos foi divulgada, como um terceiro apresentador. A presença de Tralli é fundamental pois ele, durante todo o tempo, apura informações em tempo real pelo telefone celular, estando em contato com fontes oficiais.



*FIGURA 6 – Jornalista Cesar Tralli na cobertura da tragédia.*

Tralli permaneceu dividindo o estúdio com os dois apresentadores por mais de 1 hora e 40 minutos, apurando e checando informações, uma vez que os apresentadores não conseguiam fazer o mesmo. O papel de Tralli foi fundamental na mediação das informações, além de informar em tempo real, ele corrigiu os apresentadores em alguns

momentos. Dotado de uma postura séria e, até mesmo, de certa frieza, suas contribuições foram importantes para o produto informativo final.

### 3.3 As vítimas, a reconstrução, a tecnologia e a repercussão

A segunda hora de cobertura, assim como a primeira, foi marcada por dezenas de entradas ao vivo de repórteres em diferentes contextos. Os apresentadores, auxiliados diretamente por César Tralli, acabaram recuperando informações da primeira hora de transmissão. Foram percebidas numerosas entradas ao vivo da porta dos hospitais que estavam recebendo as vítimas para atualizar o estado de saúde dos envolvidos. Um ponto interessante a ser percebido é a utilização da tecnologia para construir um conteúdo informativo completo e multimidiático. Principalmente nas inserções de postagens em redes sociais e a realização de uma sonora com a câmera do celular.



FIGURA 7 – Postagens de redes sociais foram mostradas na cobertura.

Mostrar postagens de redes sociais demonstra que o telejornal está focado, também, em acompanhar a constante presença destas redes nas sociedades contemporâneas. E que está preocupado em dar informações de forma rápida e atualizada para os espectadores.

### 3.4 A conclusão da cobertura

A cobertura do Jornal Hoje só se encaminhou para o fim com a coletiva de imprensa concedida pelo secretário da segurança pública de São Paulo. Quando a fonte oficial, responsável pela investigação, divulgou os nomes das vítimas e os detalhes. Finalmente, o Jornal Hoje poderia encerrar sua cobertura com a construção informativa desde os primeiros minutos após a tragédia até o fim, quando aconteceu a coletiva de imprensa. Nota-se, portanto, o compromisso com a entrega de um conteúdo completo,

que foi apurado até que os telespectadores soubessem o suficiente para que os apresentadores se despedissem, abordando desde a reconstituição do crime, as famílias dos envolvidos, médicos, autoridades da segurança pública e a participação de muitos repórteres em diferentes contextos. A edição especial acabou sem a tradicional trilha. Dony e Sandra se despediram e, depois, silêncio.



*FIGURA 9 – Após quase 3 horas ao vivo, os apresentadores se despedem.*

A postura final dos apresentadores representa que, independente de serem jornalistas de referência, trabalhando no maior veículo de comunicação do Brasil, antes de mais nada, são humanos. Em diversos momentos foi possível notar a consternação de ambos com a tragédia. Foi uma cobertura exaustiva, não só pelo Jornal Hoje ter ficado no ar por quase três horas, mas também pela delicadeza do fato, que tratava da morte de crianças e adolescentes de forma precoce e brutal.

### **Considerações finais**

Coberturas de mortes e de tragédias são sempre momentos difíceis e delicados para quem trabalha com telejornalismo. Os mediadores, como repórteres, cinegrafistas e apresentadores, nestas coberturas, se deparam diante da complexa tarefa de levar à população informações de um tema que mexe com as emoções dos espectadores, como a morte violenta.

No caso da tragédia de Suzano, além dos mediadores terem que levar ao público um fato envolvendo a morte, tiveram que relatar o assassinato de um grande número de crianças em meio ao período de aula, o que intensifica a árdua missão dos jornalistas.

Um ponto interessante a ser destacado é que a presença dos repórteres, ao vivo, foi predominante e fundamental na construção da informação. Poucas vezes os apresentadores apresentaram informações novas, o trabalho de apuração e divulgação de novas informações ficou por conta dos repórteres e do terceiro apresentador. Os apresentadores, neste caso, atuaram como condutores que chamavam os repórter que estavam em diferentes locais. No estilo de programa construído nessa edição especial, os apresentadores, que normalmente são “a cara do programa” e conduzem todo o direcionamento e fidelização da audiência, acabaram por não ser os protagonistas, uma vez que eles próprios não tinham informações suficientes e dependeram de um trabalho em equipe para veicular as informações.

O trabalho dos cinegrafistas e editores, que são mediadores fundamentais, foram marcados por erros técnicos que, provavelmente, não aconteceriam em dias “normais”. A complexidade de uma cobertura, ao vivo, especialmente de uma tragédia faz com que esses erros passem despercebidos aos telespectadores, que estão totalmente focados nas possíveis novas informações.

Na cobertura do Jornal Hoje, os repórteres e apresentadores demonstraram, em muitos momentos, a consternação com a tragédia, demonstrando que o lado humano também pode ser evidenciado em coberturas telejornalística. Como falamos, os repórteres que atuaram no JH no decorrer da cobertura à tragédia foram fundamentais para delinear o fato e para deixar o público atualizado e eles, na maior parte dos momentos, deixaram os espectadores se sentindo mais próximos ao ocorrido.

Tendo isso em vista, concluímos que o Jornal Hoje manteve seu estilo tradicional de compromisso com a informação e pouco se utilizou de recursos como a espetacularização. No entanto, foi necessária uma reconfiguração do telejornal no dia da tragédia. Normalmente, o Jornal Hoje é marcado pela presença central e determinante dos apresentadores e endereçado ao brasileiro que está acabando de almoçar, divulgando pautas culturais e mais leves, marcadas pelo estilo descontraído de Dony de Nuccio e Sandra Annenberg. Na cobertura especial, os repórteres falavam do meio do tumulto, a presença de César Tralli no estúdio decentralizou o papel dos apresentadores, principalmente por estar apurando informações através de um *smartphone*.

O Jornal Hoje se adaptou e cometeu erros técnicos que não são comuns, visando, claramente, que a informação chegasse ao público, sem tentar manter ou defender um estilo tradicional “padrão Globo”. Diferentemente dos dias comuns, a edição do dia 13 de março de 2019, construída fundamentalmente com o papel ativo de dezenas de mediadores, foi endereçada ao público geral, a todos que buscavam entender o que tinha se passado dentro da Escola Estadual Raul Brasil, em Suzano-SP. A cobertura foi, dentro do possível, organizada e construída para que o público se sentisse parte dela, se identificando com os mediadores. Proximidade é a palavra que define o produto final entregue pelo Jornal Hoje no dia da tragédia.

## Referências

GOMES, Itania. Questões de método na análise do telejornalismo: premissas, conceitos, operadores de análise. *Revista ECompós*, Porto Alegre, v.18, no. 1, p. 111-130, janeiro – abril de 2007.

JORNAL HOJE. Disponível em: <http://g1.globo.com/jornal-hoje/noticia/2010/04/historia-do-jornal-hoje.html>. Acesso em 3 de maio de 2019.

NEGRINI, Michele. TELEJORNALISMO EM ANÁLISE: CONSIDERAÇÕES SOBRE GÊNERO TELEVISIVO E MODO DE ENDEREÇAMENTO. *Aturá - Revista Pan-Amazônica de Comunicação*, v. 2, p. 1-21, 2018.

SILVA, Fernanda Maurício. **A conversação como estratégia de construção de programas jornalísticos televisivos**. 2010. Tese (Doutorado em Comunicação e Cultura Contemporânea). Universidade Federal da Bahia. Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas. Salvador.

OBSERVATÓRIO DA TELEVISÃO. Disponível em: <https://observatoriodatelevisao.bol.uol.com.br/audiencia-da-tv/2018/11/em-queda-constante-audiencia-da-globo-marca-piores-indices-da-historia-em-2018>. Acesso em 3 de maio de 2019.